



# Gaiato

30 DE NOVEMBRO DE 1968

ANO XXV — N.º 645 — Preço 1\$00

**OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES**

 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
 PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR: EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR:

Padre Américo

 SALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZE  
 COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

## Aqui Lisboa

O Jorge e o Samouco fugiram. Após uns dias a monte, dormindo na folha e nas escadas dos prédios, comendo (?) aqui e além, arranjaram trabalho numa obra de vulto e de pá e picareta nas mãos ou de balde às costas, sem saberem ao certo o que iriam ganhar, hospedaram-se em casa de alguém. Ao fim de 15 dias de aventura, muito ao género das histórias dos filmes e livrinhos da moda, pela mão da Autoridade regressaram a Casa. Por este facto nos regozijamos, para mais tratando-se de crianças de 13 e 14 anos, uma das quais sem a 4.ª classe feita e ambas elas com uma trágica infância, que não se indicia aqui pelo respeito que nos merecem. Aliás, «A nossa Obra não é dos escolhidos, é dos rejeitados», e se a notícia do regresso nos alegra, como diria Pai Américo, temos de amargar outras que se não publicam.

Do narrado queríamos tirar algo de concreto, chamando a atenção dos Responsáveis pelas coisas públicas para as debatidas condições de trabalho dos menores, que deverão merecer a todos o maior cuidado e a fiscalização mais apertada. A primeira coisa que constitui o facto de se aceitar ao trabalho, sem qualquer elemento identificativo ou sem prévia apresentação de pessoa idónea ou de familiar capaz, uma criança de tenra idade. A segunda consideração diz respeito à natureza do trabalho, tantas vezes violento e impróprio para quem, pela idade e pelas forças, não está capacitado para o desempenhar. Em pleno século XX ainda há muitas escravaturas disfarçadas por esse País fora e uma delas é, sem dúvida, a que diz respeito ao trabalho dos menores.

Já aqui temos referido, por exemplo, o problema dos pobres Marçanos, por quem nutrimos o maior respeito. Autênticos «animais de carga», passe a expressão, oriundos sobretudo do Norte, vindos para os grandes centros em busca de condições de vida que não têm nas suas terras, sujeitando-se aos trabalhos mais duros, dormindo pouco e em lugares impróprios, às vezes aos montes, com alimentação deficiente e de fraco valor nutritivo. Quem defende estes moços e para quando uma legislação apropriada ao mister?

Pululam, particularmente em Lisboa e Porto, pensões (?) ou casas particulares, que nem sempre oferecem as condições mínimas de moralidade e de higiene para os seus utentes. Para elas se canalizam os vadios ou sem posses, os jovens sem família ou delas deslocadas. As vezes, no mesmo quarto, chegam a dormir 10 e mais pessoas, muitas delas desconhecidas, num emaranhado de corpos, umas no chão, outras em colchões ou enxergas de qualquer espécie. Neste aspecto, claro está são as crianças mais afectadas, não só pelas condições em si, mas pelos próprios exemplos recebidos. Não se põe em causa, é evidente, o direito e a necessidade que muita boa gente tem de alugar quartos, dadas as rendas elevadas que oneram os orçamentos; referimo-nos às explorações escandalosas e imorais nem sempre, aliás, correspondentes a encargos elevados. É assunto também a merecer o

Cont. na SEGUNDA página

**A**ndo contente que nem um sino pelo interesse dos nossos Rapazes — dos mais responsáveis aos mais novos — ocupados na ultimização e expedição do livro.

Quando ficou arrumado o primeiro volume da edição, entrou de roldão pelo escritório da Tipografia uma grande embaixada — Quim Oliveira à cabeça. Eram encadernadores. E ajudantes eventuais. Depois, engrossou a coluna com impressores e compositores. Foi uma hora cheia! Mirámos e remirámos a obra. Desde Quim Oliveira e Santos Silva ao «Caneco», perdão!, Manuel António. Ele já tem fala grossa... Fiquei espumante. E comovido. Tanto, que fitaram ao depois a minha cara — radiante pela cara deles: pelo seu trabalho, interesse e alegria. E trabalho deles, por mão deles, querido por eles — orientado por eles. E mastiguei — uma vez mais e como nunca — a última página do «A Porta Aberta». Tão rica e oportuna, pois saboreámos e saboreamos um velho desejo de Pai Américo! Não resisto, mesmo, a transcrever a pequenina nota que, no fundo, é sobretudo de apelo aos mais conscientes. Ei-la:



«A nossa Obra, não é para estranhos. Se agora temos alguma gente de fora, é por necessidade. Não é por vantagem. Vantagem é mas é ser tudo nosso. Tudo de Casa. Não vêes que já temos o Rio Tinto mal-lo Zé Sá a cozer sete alqueires por dia? Os cozinheiros a fazer o comer, e tão bem feito? Em um destes domingos, estava um grupo de visitantes à porta do refeitório, a ver como vocês comiam. Havia lágrimas nos olhos de alguns. Perguntei a causa delas: É a comida que é muito bem feita, ouvi dizer. Ora se ele é verdade que vós

já hoje fazels chorar o mundo de contente, — que será amanhã?

Quando aqueles visitantes que vos observaram a comer o nosso caldo, feito e servido por vós, tiverem ocasião de vos observar mais tarde, ocupados na gerência da nossa Casa — como não hão-de chorar?!

Sim. Quem há-de fazer o preço às coisas que saírem das nossas oficinas, colocá-las no mercado, procurar materiais, fazer a contabilidade, — quem? Gente de fora?

Quem há-de procurar empregos para os nossos Rapazes, ver como eles se portam, conversar a este respeito com os patrões, amparar, aconselhar, — quem? Gente de fora?

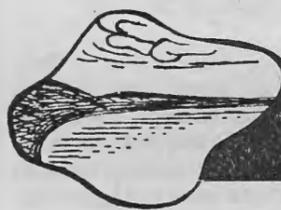
E tratar dos negócios gerais da Obra, entender-se com autoridades, administrar o que nos pertence, — quem?

Tudo isto é missão vossa; lugar que vos está reservado.

Vós tendes inteligência, tendes capacidade, sois dotados de valor. Salvaram-te? Pois vais tu agora salvar. Os teus companheiros da rua, estão à tua espera. Põe à ordem deles a tua inteligência, a tua capacidade e o teu valor, que nisso te valorizas mais. E cumpres o Evangelho: Faze aos outros como gostas que te façam a ti.»

x x x

A hora que escrevemos começaram já a chover pedidos! E não tardamos a pôr no correio a primeira grande remessa de livros, que satisfará a viva curiosidade dos assinantes das letras A, B, C e D: Antónios, Bernardinos, Carlos e Danielis, etc. As Elisias, Fernandos, Georginas e Hermínios estão à bica. E, depois, os restantes até à última letra do alfabeto; pois o ficheiro, repetimos (e não per-



## SETUBAL

Temos a trabalhar como servente de pedreiro um seminarista teólogo que deixou o Seminário para se vir juntar a um grupo apostólico que se radicou em Praias do Sado, povoação nova, surgida do surto industrial aqui iniciado e do conseqüente afluxo de gente que ele atraíu.

Estava sem trabalho e nós precisávamos dele. Uma presença destas é sempre uma ajuda na construção do Homem que cada um dos nossos rapazes quer realizar em si.

Não foi novidade, pois no início do nosso Lar, um padre licenciado em universidade estrangeira mais dois leigos também licenciados e pertencentes ao mesmo grupo, começaram entre nós a sua actividade de trabalhadores, como serventes de pedreiro.

Este grupo é um fruto novo duma Igreja Nova. A verdadeira Igreja é sempre nova! Tem o viço de Jesus!

A sua mira é o apostolado dos Pobres; sobretudo dos operários. Querem ser apóstolos! Discípulos do Senhor! Na humilhação, na pobreza, nas privações, na amizade e na comunhão devida com os seus irmãos, no serviço deles, na verdade

e na oração por eles e se possível quando e quanto possível com eles!...

Procuraram nas fábricas das redondezas o trabalho mais duro, mais inseguro e mais mal pago! Querem estar inseridos na vida daqueles a quem desejam transmitir a mensagem de salvação.

O seu fato é igual ao de todos, a sua bicicleta também. A sua casa de renda é como todas as outras. A sua vida o mais parecida naquilo em que se pode parecer! Gravita-lhes na alma o fogo do Espírito de Deus! Nisto se diferenciam de todos!

Fala-se hoje tanto do apostolado dos Pobres! Chega-se mesmo a afirmar que a Igreja é a Igreja dos Pobres e dos Humildes e não se passa dos discursos e das homilias à vida! Humildade sem comunhão com os Humildes é mentira! Pobreza sem participação da vida dos Pobres é falsidade!

Os homens não acreditam nos discursos! Nada. Deixam-se arrastar pelas vidas! «Quem quiser ganhar a Vida tem de a perder!» Só na perca desta os homens descobrem a verdadeira Vida! É a palavra eterna!

Continua na SEGUNDA página

Continua na SEGUNDA página

# Aqui, LISBOA

Continuação da PRIMEIRA pág.

*cuidado dos Homens do Governo, já que as consciências das pessoas assim o exigem. Os fracos têm de ser defendidos da prepotência dos fortes.*

*Para terminar estas considerações despreziosas e voltando à história inicial, não queria, mos deixar de dizer que os nossos Rapazes, durante oito dias, pernottaram num só colchão, estendido no soalho do mesmo quarto, no meio de duas camas ou divãs, também ocupados, uma delas por um homem de setenta e tal anos! Preço? Incluindo café, almoço e jantar, a módica quantia de 960\$00 por mês, cada um! Pagá-*

*mos o correspondente, que o nome de Pai Américo não pode ficar maculado, mas ficou-nos a mágoa de haver gentinha, com palavras de misericórdia e de dó (?) à mistura, capaz de explorar crianças indefesas.*

x x x

*Chegou-nos, por carta, a quantia de cem escudos. «Vai com todo o amor duma doente grave. Que o Senhor Jesus nos dê a força para a cruz de cada dia». É de Coimbra. Comentários, para quê? Seriam em prejuízo da naturalidade da expressão e do amor fraterno que em tudo pode e deveria sempre unir os Homens.*

Padre Luís

# TRIBUNA de Coimbra

A notícia que nos chegou, primeiro aos ouvidos e depois aos olhos, de que o «bairro das latas» da Conchada vai acabar encheu-nos o coração e a alma. Bendita hora e abençoados homens que sejam capazes e meçam esta hora!

Acreditamos na boa vontade e esforços da Câmara de Coimbra e de seu Presidente e acreditamos também na sensibilidade humana dos homens que constituem a Mesa da Santa Casa da Misericórdia da cidade. Estas duas entidades, conjugando seus esforços, poderão resolver bem aquela miserável situação que centenas de habitantes têm arrastado de há muito.

Foi, em grande parte, ali que Pai Américo aprendeu e tomou o seu novo rumo de vida e também ali apanhou uma pedrada na testa, sinal que o ficou a marcar como um dos homens de Deus.

Foi por ali que há vinte anos comecei a conhecer melhor o morrer lento de irmãos abandonados a quem o morrer lento tirou a capacidade de ressurreição.

Foi ali que em 1952 construímos as primeiras casas do Património dos Pobres da cidade e dali também saíram as famílias mais miseráveis que foram habitar o bairro do Património da encosta da Pedrulha.

Quantas vezes me tem apetecido gritar que ali é terra de muitos mártires e santos, mas este martírio e santidade acusam a nossa fraqueza!

Ontem ouvi alguém com responsabilidades cristãs e sociais naquele bairro a chamar e a gritar por todos aqueles que possam ajudar: donos de materiais de construção, canaliza-

dores, electricistas, operários, homens conscientes e de boa vontade.

Começou já um «caterpillar» a remover e arrasar terrenos. Há plano de ruas e urbanização. Fala-se na construção de vinte moradias até ao Natal. Parece que há união de esforços de todos aqueles que se preocupam com a sorte destes irmãos e com a nobreza da própria cidade.

Alegramo-nos com tudo e pedimos ao Senhor o dom da fortaleza para que os responsáveis não desfaleçam.

x x x

Já ouvi também dizer que este era o primeiro passo para acabar com os «bairros de lata» da cidade. Depois do da Conchada será o fim dos outros: Relvinha, encosta da Carvalheira, mirante de Santa Clara, zona da lixeira da cidade e mais.

Embora estejamos convencidos de que a cidade de Coimbra não esteja muito atrofiada de barracas, comparando-a com outras, podemos afirmar de que os arrabaldes estão moldurados delas e algumas bem miseráveis.

E se Coimbra, donde têm partido tantos luzeiros para o bom serviço da Pátria, acendesse agora mais este farol, acabando com todas as barracas de seus habitantes e lhes proporcionasse habitações modestas e decentes!

Alegramo-nos e regozijamos com a notícia e que ela se venha a confirmar plenamente e seja luz para todas as terras que queiram uma Pátria mais feliz. Demos todos as mãos.

Padre Horácio



## Ti João



Foi no dia 10. Na manhã seguinte soubemos cá em Casa da morte do nosso Ti João. A notícia chegou fria e, na verdade, causou surpresa. Ninguém a esperava.

Ti João, um homem totalmente entregue ao trabalho da nossa Casa, tomava conta dos mais pequenos da nossa comunidade — os «batatas».

Ultimamente, a sua actividade era menos rendosa devido à sua avançada idade e aos defeitos físicos. Não podia fazer tudo o que, antes, com tanto suor e amor, sempre conseguiu fazer. Mesmo assim, preferia continuar a orientar suas actividades do que ir para casa descansar!

Sempre preocupado com tudo que era nosso, sempre colocando o trabalho em lugar de responsabilidade conseguiu, durante muitos anos, inculcar nos que ficaram a seu cargo, o desejo de mais e melhor.

Per isso, após a partida de Ti João para a Eternidade, compareceram em sua casa os mais pequenos que, ultimamente, eram da sua lida.

O seu corpo fez a última viagem em nossa carrinha, acompanhado pelos pequenos que lhe deram o último adeus. Olhares curiosos, de uma vida que contem alegria e tristeza, os «batatas» olharam a terra fria onde, em silêncio, o corpo vai permanecer...

No mesmo silêncio, ergueram as mãos ao Senhor da Vida e da Morte pedindo-Lhe que guarde em Seu regaço a alma de Ti João.

José Ferreira

## ★ BELEM ★

Apareceu aqui duma vez um Snr. Prior do Norte, a pedir internamento para uma sua paroquiana de 7 anos, a quem tinha morrido a mãe.

Tinha pai, mas absolutamente incapaz de prover ao sustento e educação da prole: doente, alcoolizado, incapacitado para o trabalho.

Eu respondi ao Snr. Prior que receberia a menina, desde que ela fosse declarada em perigo moral e retirada ao pai pelo Tribunal de Menores. Porque, vendo particularmente, o que depois aconteceria, era que o pai a viria reclamar, quando ela chegasse à idade de lhe dar ajuda económica. Precisamente aquela idade em que o perigo moral seria maior...

Disse ainda que tinha um só lugar vago, já prometido a várias, nas mesmas condições. Mas que, por via de regra, ninguém se dispunha a trabalhos tão complicados e morosos.

Para exemplo relatei o caso de uma garota, cujo processo corria, há quase 3 anos, no Tribunal da sua Comarca, sem

que se lhe visse o fim. A Professora da garota, que chamou sobre si tal encargo, para subtrair a aluna à convivência duma mãe dissoluta, andava desanimada. Cada novo Delegado que chegava tinha opinião diferente do anterior e voltava ao princípio. Os parentes já andavam aborrecidos com tantas chamadas ao Tribunal e irritados contra a Senhora Professora, por os ter metido em tais trabalhos.

O Snr. Prior respondeu que isso não lhe metia medo, pois o caso era escandaloso e do conhecimento público, além de que se entendia bem com o Dr. Delegado.

Como lhe disse que tinha uma só vaga e várias pretendentes, não perdeu tempo, e manteve-me ao corrente do andamento do processo, com regularidade.

Estava este quase a atingir o seu termo quando recebi mais uma carta, em que me participava ter morrido o pai da criança.

Respondi eu que, nesse caso, e estando o processo a chegar

# SETUBAL

Continuação da PRIMEIRA pág.

*Para quantos cristãos e sacerdotes eles poderiam abrir clareiras, no seguimento de Jesus inserido na vida dos homens!*

x x x

*Parece-me que deves estar à espera de notícias do nosso fogão, para o Lar novo! Já veio. Uma Senhora de Lisboa mandou 4 notas de 500\$00 para a prestação do 1.º mês, outras e outras deram 70\$, 30\$, 50\$00, e 100\$00. Um casal que vive também na capital; a Senhora é de Setúbal; trouxe uma nota de 1.000\$00 e muita amizade e encorajamento. Outra Setubalense, residente em Cascais, veio despedir-se à partida para Moçambique e deixou também mil! Um sacerdote muito amigo trouxe-nos oito notas de conto!*

*Demos dez mil escudos de entrada e mais dois do 1.º mês. Não esqueças!*

Padre Acílio

## «A Porta Aberta»

Cont. da PRIMEIRA página

demons nada com isso...), está ordenado alfabeticamente. Ora sendo assim, quando acusarem recepção do livro, não esqueçam identificar-se de acordo com o nome inserto no rótulo da embalagem. De contrário, causam-nos muitas e sérias dores de cabeça... Entendido?

Júlio Mendes

ao seu termo, deviam trazer-me imediatamente a criança, porque era a única menina, no rancho dos irmãos, e assim se evitava ter que passar por outra casa, obrigando-a a duas adaptações, sempre penosas.

Pois, por mais que se admirem, saibam que esta minha carta não obteve resposta nem o Snr. Prior deu mais sinal de vida...

Para onde terá ido a menina?

Talvez para alguma família da Paróquia. Talvez mesmo para casa do Snr. Prior. Há tanta falta de domésticas!

E assim se prova, mais uma vez, que, para meninas orfãs de pai e mãe e sem outros parentes que lhes compliquem a vida, há sempre lares abertos, sobretudo de casais sem filhos. Só temos que dar gra-a Deus por isso.





Estive no Algarve, terra de belos e apreciados recantos. Fui ali retirar duas sombras, que perturbavam, por certo, o panorama turístico da região. São dois irmãos. Sofrem igualmente de oligofrenia e epilepsia conjuntas. Andam nos quarenta anos. A mãe faleceu há tempos. Era o amparo e o tudo destes dois seres impotentes. O pai é alcoólico. Eles não falam. Não são capazes de em algo se bastarem a si mesmos. Carecem de cuidados totais. Eram de facto duas sombras, no Algarve tão radiante de sol.

Mas não será erro paisagístico na vida moderna este querer arredar as sombras? Sem elas não há contraste. A vida passa a não nos ser apresentada em toda a verdade. Engana. E enganamo-nos porque a vemos unilateralmente. A presença do escuro realça o claro. O contacto com a miséria alheia, com as dificuldades dos outros, serve para nos ajudar a ver melhor o bem que possuímos e mais facilmente nos elevar à acção de graças. Ainda há muitos hoje que desejam conhecer esta faceta da vida que tantos repudiam. Aqueles que aqui vêm depor seus donativos são deles e não dão por mal empregado o tempo nem o dinheiro que dispendem ao que parece.

Esta senhora vive em Lourenço Marques e fala assim:— «A minha menina nasceu saudável

Ficam, pois, para as casas como a nossa, as das situações familiares difíceis: lares desagregados, progenitores moralmente incapazes, mães anormais ou taradas, etc., etc.

São estas as crianças mais infelizes.

As instituições de assistência que as recebem, não só têm que substituir os pais, na sua missão educativa, como têm que as defender da influência perniciosa dos progenitores e outros parentes.

É caso, pois, para pedir aos Homens de leis e do foro, aos maiores responsáveis na orientação da assistência a menores, se debruçam sobre este magno problema, que é saber que direitos e garantias assistem às obras particulares, para que elas possam realmente exercer junto dessas crianças a sua missão de paternidade e maternidade.

Porque elas existem para substituir a família incapaz ou desagregada, mas, de modo nenhum poderão desempenhar-se cabalmente de tão altos deveres sem gozarem dos direitos correspondentes...

Inês — Belém — Viseu

e perfeita e ao vê-la crescer e andar e falar, eu lembrava constantemente a promessa que, com o pensamento nos doentes do Calvário, eu fizera um dia, ainda ela se agitava no meu ventre. E aqui estou a cumprir e a agradecer.»

É mais um senhor que pensando na nossa roupa suja manda mil para sabão. Olívia vem com outro tanto. Do Porto uma «migalha para os meus irmãos doentes». De Lisboa 7 notas de vinte «para os nossos irmãos do Calvário». É do Banco de Portugal.

Está aqui a «oferta para o Calvário». E o óbulo de uma viúva «pelo meu querido marido».

Do Luso-Angola, duas transferências: uma de mil, outra de metade. Ilda de Lisboa com roupas. Esposa de um doente pulmonar com sua oferta pela saúde do marido, «descrente, mas amigo da Obra da Rua».

Começam já as lembranças para o Natal. É Maria da Glória, que vem. Trata-se de modo bem cristão de preparar o de cada qual. Maria José em sufrágio do pai vem todos os meses com cinquenta. Outra Maria com quarenta. «Portuense qualquer» não pode faltar. E «Humilde portuense» também não. São presenças certas, e antigas. Laura com «pequena oferta pela minha saúde». José Maria em dia de anos nunca faltou a marcar presença. É um modo feliz de os festejar. Deus o conserve. Amiga da Palhaça está de novo aqui. A Novil apresenta-se com medicamentos. Anónima da Rua das Papoilas continua assídua. Lourenço está com uma entrega de renúncia. E alguém com pequeno sacrifício de um doente para os mais doentes.

E esta lista não pára. O correio todos os dias nos traz a certeza de que nem todos vivem em sonolência.

Padre Baptista

## Areias do Cavaco

Topamos a miséria a cada passo. Ela é o agulhão que não permite descanso. Faz da vida de cada homem tempo de luta. Faz da nossa passagem por este mundo uma batalha que parece não mais ter fim.

O esforço para que ela diminua deve ser a constante, não apenas do cristão que vê no outro um irmão, mas de cada homem. Há que juntar forças. É o homem que está em causa. Tudo merece. Merece que por ele se dê a própria vida para o salvar. Deus tomou a iniciativa para libertar o homem da miséria. Pôs toda a riqueza da Sua Sabedoria ao serviço do homem para o tirar da miséria. Escolheu o caminho mais duro. Mas não tomou para Si o que o homem pode fazer na luta pela sua libertação.

x x x

É operário. Tem mulher e tem filhos. Ganha o suficiente para que, em casa, não falte o necessário. E se fosse capaz de receber mais, mais ganharia.

Surgiu uma necessidade com que não contava. Recorreu a um empréstimo que lhe foi feito. Durante uma semana não apareceu ao trabalho. Gastou tudo com os amigos na taberna. Não satisfaz a necessidade que motivou o adiantamento e ficou mais miserável. Regressou entretanto, como se nada tivesse acontecido.

A pior situação em que o homem pode cair é perder a sensibilidade. Não ser capaz de reagir debaixo da miséria que se apoderou dele. Situação terrível.

Qual o caminho a seguir? É um homem. É escravo da miséria. O mais fácil seria cruzar os braços. Paciência! dizemos. Ou então «eles são assim, nada se pode fazer». Mais uma vitória para a miséria que assim vai ganhando terreno. Mas não! Este homem, e todos os homens como ele, precisam ser salvos. Eles são multidão! Os mais são os que dar a mão, até ao desgaste sem desfalecimento. Este é o caminho mais duro. Há que ir à raiz do mal que normalmente está localizado em vários pontos do organismo social.

Este homem consumiu todo o fruto do trabalho na taberna, inutilmente. As tabernas são uma «praga» a fomentar miséria. Estranhemos a facilidade das licenças para que elas nascam. E surgem como cogumelos, por todos os cantos.

Dizíamos que a tarefa era de todos, a começar pelas autoridades, primeiras responsáveis pelo bem comum. Que nunca a receita monetária se sobreponha ao esforço a dispender a bem desta gente. Somos fáceis em aplicar paliativos para o mal, em vez de remédios, embora dolorosos, que vão à raiz desse mal.

Em contacto com estas realidades, vamos compreendendo, a pouco e pouco, porque não se caminhou mais na luta contra a miséria que domina ainda grande parte destes nossos irmãos. É que nem sempre se foi capaz de caminhar pelo mais difícil, mas única tábuca de salvação. Cruzar os braços? Não.

x x x

Vem aí o Natal. Nestes 4 anos já nos habituámos à presença de tantos amigos que conosco vivem os problemas da Obra. Estes filhos também querem prendas como os vossos. Há os mais velhos, já homens. Há os mais pequeninos, mais sensíveis, mais desejosos que chegue este dia. Eles esperam por vós.

Se tiveres, amigo leitor, um rádio, que não te faça falta, traz. A máquina de escrever virá de Lourenço Marques. A de contabilidade ainda não sabemos donde virá.

Padre José Maria

P.e Manuel

## Lourenço Marques

Já demorava este dar contas que, por isso, vai longo. Durante estes meses espontaneamente, muitos corações se abriram, muitas mãos se estenderam, muitos sorrisos recebemos e fomos objecto e causa de muito Amor.

Na Catedral, 100\$ e 150\$, por um filho. Entregues ao Pároco as cotizações mensais dos Empregados da Permar de 550\$ e 275\$. Dum Guarda-livros, deles escolares. Uma presença mensal em cheque de 30\$00.

Visitantes com 142\$50 e 300\$, bolos e roupas. Mais roupas e jornais. Duzentos entregues em subscrito, 100\$00 dum Oficial; mais rebuçados. Mais visitantes com 200\$ e 500\$ e 243\$. Os 100\$ de Cruz da Beira. Da Senhora da Farmácia Normal 300\$ todos os meses, além do pouco que lá vão pondo talvez por não saberem que fica na Av. da República, 1586. De Tete «uma pequenina importância com muito boa vontade e desejo de prosperidades». Da Casa Bermina 50\$ mensais. 200\$ de alguém. Um rancho bem aviado nos armazéns Caramulo.

Alcatrão da Sopec para a entrada da nossa Casa que, por ser de areia, era difícil conservar limpa. Donativo de 50 kg. de açúcar da Incomati e igual de arroz de S. Gil. Dum empregado da A. Teixeira, 100\$ várias vezes. Que Deus ajude os seus. De uma residente na Matola, roupas. Idem de vários lados na cidade. Já são

vinte e três a romper. Nunca é demais. Na Igreja de Malhangelene, 300\$ de quem vai entregando periodicamente ao Pároco. Visitantes com 100\$ e roupas dum neto dum velho amigo de Pai Américo. Idem de Vila Luísa com 150\$. Professores Universitários que nos visitam amiúde 100\$ e 150\$, várias vezes e há dias 500\$.

Da pedreira do Vergueiro muitas carradas de brita e agora, já com o nosso camião a andar, várias de pedra, para as nossas obras. Um harmónio, mais 100\$ e outros 100\$ muitas vezes para Missas pelas Almas. Mais 500\$ idem. Da Lusitana cadernos escolares. E livros da Empresa Moderna. Mil para «por mim e comigo agradecer ao Senhor tantas graças e benefícios que me tem concedido e pedir-lhe também que não deixe de abençoar o meu Lar». Na Catedral vinte. Na Merceria Tondelense 30\$. E 100\$ para ajuda de uma multa. Dois passes da Teresa Lino para os nossos que estudam em Benfica.

De quem acompanha de perto a nossa vida, segunda remessa de 50 sacos de cimento. Ouvi dizer que mais alguém pensa imitá-lo. Nunca será demais. Calculamos gastar cinco mil no ano que vem, a passar. Por não termos dinheiro para grandes quantidades costumamos levantar aos vinte e sete sacos de cada vez, que é quanto a carinha traz. Da Matola 20 quilos de massa e um saco de farinha de milho. Um saco de farelo e

vinte litros de óleo da Fazol mais os saborosos 2.500\$ mensais. Um saco de 100 quilos de açúcar da Sena Sugar. Da Saborel uma caixa de sabão. Da rua de Olivença mobílias e 20\$ de vizinha. De Benfica várias cadeiras e duas bicicletas que fazem o delírio dos recreios e descanso dos burros. Seis «rands» de Bloemfontein de quem escreveu ao «Notícias» a perguntar o nosso endereço. Basta Casa do Gaiato de Lourenço Marques. Temos mala de correio três vezes por semana.

Mil para o Património dos Pobres, do «Casal Maria José». Igual para o Calvário dos doentes incuráveis. Mais uma geleira eléctrica. A petróleo não mandem mais que já temos. Mais mil ao vendedor da Munhuana e por fim um cheque de quatro mil, chegado ontem à noite. Diz a Mobil que é para o nosso Natal. Luz que vem adiante... numa hora que graças a Deus me torturou por ter de satisfazer despesas inadiáveis! Por experiência sei que a dor gera a esperança em Deus e que nada mais salutar que sofrer um pouco. Bem hajam todos!



# PELAS CASAS DO GAIATO

## SETÚBAL

Prometi-vos que escreveria alguma coisa sobre os estudantes. Não o faço agora. Um relatório seria longo demais e não viria agora nada a propósito, pois já iniciámos um novo ano e «o que lá vai, lá vai». Como breve resenha cumpre-me informar que os resultados obtidos foram, média geral, muito razoáveis.

Quanto à forma como os estudos decorrem neste ano lectivo, poderemos afirmar que eles caminham bem, embora lentamente, para um bom fim. Oxalá que assim seja.

Na Telescola, cujos problemas foram aqui tratados muito longamente e cuja responsabilidade e execução está a meu cargo, tudo corre dentro das perspectivas que havíamos traçado. O interesse geral e o entusiasmo por parte dos rapazes é notório. É um ensino novo e com elevadas técnicas de método. Quem dera que todas as invenções que o homem pôs diante dos nossos olhos, mercê de trabalhos constantes e de longas noites de vigília, fossem aproveitadas em qualquer coisa de bom e proveitoso para a humanidade. Quanto hoje nos sorri o coração e quão belos pensamentos nos surgem ao observarmos essa maravilhosa descoberta — a televisão — ser posta ao serviço daquilo que torna grande e dignifica o homem aos olhos dos outros. Que lindo, a televisão posta ao serviço da cultura, da educação e dos restantes valores humanos!

Outro tanto urge dizer a respeito do rádio, cuja obra de valorização tem sido notável em todos os campos. Que os responsáveis pela Telescola e Rádio Escolar jamais desanimem perante as adversidades que lhe surjam. Os espinhos fazem parte integrante da vida!

A nossa Obra continua o seu plano de valorização e de empreendimentos em prol do Rapaz. Mais que nunca ela procura hoje fornecer-lhe uma educação completa, uma educação moderna, baseada no amanho das duas grandes realidades do ser: — o corpo, com tudo o que lhe está ligado; e o espírito, nos seus aspectos culturais, éticos e religiosos. Se o progresso nos continuar a chamar, pois então que venha porque nós somos «uma porta aberta».

x x x x

O apelo que aqui lançámos para que sentissem o dever de nos visitar e de, conseqüentemente, nos trazerem alguma coisa de teu, alguma coisa que te faça brotar sacrifício, não tem sido aceite na medida dos nossos desejos. Mas, ao invés, temos de igual forma verificado que ele tem entrado no coração de alguns. Últimamente têm-nos sido enviados muitos livros de estudo, roupas e outros objectos vosso. Sentimo-nos imensamente agradecidos por tudo o que vós tendes feito.

Mais uma vez te bradamos, para que nos enchas com a tua presença, para que venhas ver os nossos «batatinhas» e de como eles se preparam arduamente para os próximos festivais. Vem ver que certamente terás muito que contar. O teu carinho e os teus amores são-lhe indispensáveis. Aproveita, vem e senão ao menos manifesta desejo de o fazer a outrem para que ele se sintá impulsionado de igual forma a fazê-lo. A nossa Obra é uma Obra de todos e, portanto, urge que todos nós a vivamos efusivamente.

Esta vez foram umas senhoras da Delegação de Saúde de Setúbal que nos visitaram. Vieram e ouviram e gostaram. E quem não há-de gostar?

Os ignorantes, os que não vêm um palmo diante dos olhos. O problema do irmão que estava perdido e foi achado é de suma importância. É necessário que abramos os olhos e o coração para estas duas realidades da vida. É a parte negra. Não percam tempo em coisas fúteis, pois a vida são dois dias e quando algum dia nós queiramos voltar atrás, já não podemos. O tempo gastou-se.

A voz de Pai Américo soou no magnetofone durante uns minutos aquando da visita em questão. Mais cooperou ainda para o clima de aprofundamento e de compreensão destas realidades. *O brado fica em suspense!*

Queríamos de igual modo fazer-te mais um pedido. Direis e com carraças de razão: «Só sabem é pedir: Aborreçam!» Tendes razão; mas é-nos tão necessário fazê-lo, como o pão para a boca. São deles que nós vivemos e, por isso, nós vamos diante de ti pedir-te que nos ajudes. Precisamos duma televisão. A Telescola chama-nos e nós só temos uma que serve para todos os gastos.

Rogério

## BENGUELA

**ELEIÇÕES** — Há muito que esperava uma oportunidade. Agora eis-me a falar sobre as eleições para o novo chefe maiorial.



José Luís, chefe maiorial.

Como os leitores sabem nas Casas do Gaiato há sempre um maiorial — que vela pela rapaziada, pela boa ordem da Casa e que substitui o Padre da Casa nas suas ausências. Este é escolhido por meio de votos.

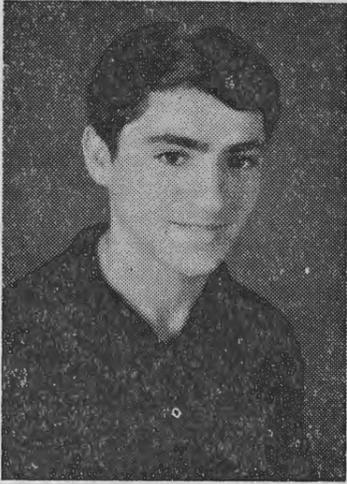
Apurado, os resultados classificaram-se os seguintes rapazes: 1.º José Luís Magro, com 24 votos; 2.º Victor Ferreira, com 10 votos; 3.º António Ramos, com 2 votos.

Não podia ser melhor a eleição; foi justa e disciplinada.

Seguidamente, o chefe escolhido disse umas breves palavras à rapaziada:

«Para eu ser correcto, quero que todos também sejam correctos».

No dia seguinte eis o novo chefe a actuar, com o novo ajudante. Aquele que ontem era mandado, hoje é o mandão, o nosso irmão mais velho.



Vitor, sub-chefe.

É lógico que, na ausência do Sr. Padre e do chefe maiorial, esteja o 2.º chefe e na sua falta o 3.º mais votado.

É tudo o que ocorreu nas eleições. É natural que a crónica não esteja bem escrita. Os leitores façam o favor de desculpar; mas, devem compreender, é a primeira vez que me atrevo a tal.

José Nunes

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**VEM AÍ O NATAL** — Que não tarda! Excusáramos, mesmo, de fazer esta breve chamada aos leitores. Mas é uma tradição tão enraizada que não resistimos. Apesar de tudo nunca deixámos de pôr a Consoada na mesa de cada um dos Pobres.

Somos, desde sempre, contra os bodos. É que não há nada que mais diminua um Pobre que ser vítima da vaidade dos beneméritos — consequência do pecado original. O Pobre, porém, como pessoa humana, filho do mesmo Pai do Céu, merece todo o nosso respeito. Não tentemos diminuir — que seria despromover.

De acordo com as disponibilidades e mais ainda com a vossa ajuda especial nesta quadra, na ante-véspera do grande Dia, se Deus quiser, carregaremos os embrulhos às costas, com a ajuda da nossa carrinha. E vamos pelos montes fóra. Serão batatas e bacalhau e o mais. E tudo isto gera sempre, entre eles, ais e ais — e lágrimas de alegria. Que o Senhor nos ajude.

**O QUE RECEBEMOS** — Ai vai a procissão das migalhas. Pequena, mas muito cheia de presenças efectivas e perseverantes. Demos graças a Deus!

40\$00 da assinante 17022. Metade de A. F., como é costume. Mais um pacote de Telhal. E uma nota de 50\$ de uma senhora, velha amiga, da Murtosa. Metade do assinante 27562. Mais 50\$00 doutra senhora, velha amiga também, de Ois da Ribeira. Finalmente, 20\$00 do assinante 18223, do Porto.

Para evitar confusões, renovamos um pedido já feito: na correspondência, quando encaminharem donativos para os nossos Pobres, deverão frizar que se destinam à Conferência de Paço de Sousa. Assim não há confusões. E tudo corre sem atropelos. Muito obrigado.

Júlio Mendes

## MIRANDA DO CORVO

Prezados e amigos leitores:

Cabe-me agora a vez de vos dar notícias da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo:

**AZEITONA** — É o tempo da azeitona. A nossa começa a estar madura. Mas com o tempo que tem estado tem caído mais de metade, e como é necessário apanhá-la para não apodrecer, os mais pequenos, fora das horas da escola, lá vão com as latas nas mãos a ver quem apanha mais. É um encanto vê-los a procurar as azeitonas, no meio das ervas que há debaixo das oliveiras. Eles começam já a ter a noção de quanto é bom e agradável comer o pão com o suor do seu rosto. Este ano não é um ano de grande fartura; por isso, temos de aproveitá-la toda para depois termos azeite. O que nos vale é uma senhora muito nossa amiga que nos dá sempre a sua azeitona. Mesmo assim o azeite não nos vai chegar para todo o ano, mas nós esperamos que apareçam amigos que nos ofereçam umas latas dele. Está bem?

**SERRALHARIA** — Os rapazes desta oficina animaram bastante com mais trabalhos que chegaram de Coimbra. É vê-los a trabalhar: uns cortam ferros, outros soldam os aros e assentam chapa, ou colocam feitiços, conforme os fregueses desejam. Se aparece uma enxada para aguçar ou para pôr um calço, os rapazes queixam-se que aquilo não dá nada. Mas se aparece um portão, ou uma porta, ou mesmo ainda uma grade ou janelas, é vê-los a ver quem começa primeiro a fazer aquele trabalho. Pois com este movimento todo há alguns que se lamentam porque o aparelho de soldar a eletro não chega para todos, as máquinhas de furar também não, e assim com todas as máquinhas. Eles têm razão pois todos querem acabar primeiro. Lembro aqui, amigos leitores, que se tiverem para aí alguma máquina parada, mesmo velha, pois para nós tanto serve o velho como o novo, não se esqueçam de que nós precisamos delas. O que nos faz mais falta agora é uma máquina de cortar ferro. Mas qualquer outra será bem aceite.

**CARPINTARIA** — Igualmente nesta oficina se regista grande movimento de trabalho. Uns marcam madeira e cortam-na à medida, outros furam e aplainam, outros lixam, outros ainda assentam dobradiças, e fechaduras. Também os carpinteiros andam entusiasmados com o trabalho que chega. Mas também eles precisam de mais máquinas, porque as que têm são poucas para todos trabalharem ao mesmo tempo. Ofereceram-lhes uma velha máquina de afiar serras e uma serra de disco. Tanto andaram, tanto engheraram que elas já trabalham. Queixam-se que também lhes falta uma lixadeira. Não terás, amigo leitor, uma arrumada a algum canto? Lembra-te que ela nos faz muita falta.

Amigo leitor: tiveste oportunidade de saber do alargamento das nossas oficinas. Venho agora lembrar-te de que as contas ainda não estão pagas e temos o Lar em construção. Não poderás tu dar uma achegazinha e ajudar-nos a pagar as nossas contas. Contamos convosco para não ficarmos empenhados por muito tempo, pois o Sr. Padre Horácio anda tão aflito com as obras do nosso Lar de Coimbra que não pode comprar nada para as nossas oficinas.

Fonseca

## LAR DE COIMBRA

Saboreai esta carta do nosso Joaquim que foi chefe do Lar e que agora é militar em Angola:

«Já há dias que ando para vos escrever. Contudo e porque tenho estado de férias na nossa Casa de Malanje, vejo os dias passando velozmente sem que os meus intentos sejam por vezes levados a diante».

«Começou um novo ano escolar para vós. Certamente que tivestes dificuldades na aquisição do vosso material. Mas não desanimeis por isso».

«Quereria desejar-vos um novo ano cheio de resultados positivos na esperança de que aproveiteis a oportunidade que a nossa Obra vos está dando. Sede pois cumpridores e merecedores. Lutai com fé na vitória, e chegareis ao final radiantes, vindo o fruto do vosso trabalho num passo em frente na vossa vida».

Lutai pois e não desanimeis. Dia 23 do corrente partirei para o local onde fui destacado, que é no Leste de Angola. Espero que o tempo que falta decorra como o que já passou».

«Ando bom graças a Deus. Um abraço para todos do vosso — Joaquim»

Francisco José

## Paço de Sousa

Foi na quarta feira à hora do almoço que ouvi este murmúrio: não há treino por não termos bola de futebol. Que tristeza! «Que vontade eu não tinha, se tivesse recursos, de oferecer uma bola.» A cara do portador desta frase era de imensa tristeza e profunda amargura por ver que a necessária preparação física e técnica dos rapazes estava gorada por falta do esférico.

Escusado será dizer aos nossos amigos leitores, a que assunto quero chegar! É faltas de bolas para praticar o desporto rei e, deste modo, a nossa equipa possa trabalhar para, assim, não sofrer derrotas. Toda a nossa educação física provém do futebol; deste modo, compreendereis melhor a crítica situação em que nos encontramos, sem as ditas!

**ESTUDANTES** — Já é do vosso conhecimento, um Posto da Telescola, em nossa Casa. É um passo em frente na cultura dos nossos rapazes, para que no amanhã enfrentem a vida com menos dificuldades intelectuais; mas nunca se esqueçam que a vida não é só um mar de rosas. Será uma ilusão, para os que pensarem o contrário.

Pois, ele está a dar algum rendimento para os que querem aproveitar. É prejuízo para os que escondem seus talentos, debaixo de terra, e se recusam a trabalhar com eles. O Posto é misto; por isso, esperamos um bom aproveitamento tanto para os nossos como para os da freguesia. Junto encontra-se a sala dos mais velhos, a qual está a prejudicar as aulas, que tão necessárias são para os alunos.

Não havia outra alternativa senão mudarmos a sala para outro lugar, pois a que até agora nos serviu, irá fazer imensa falta ao sector de aulas. Teremos nova sala num lugar mais aprazível e onde reina o silêncio. Sim, o silêncio dos nossos rapazes; mas não faltará o barulho das galinhas e dos patos...

Como sempre os nossos horários foram alterados, devido, às manhãs que mais parecem noites. Causa bastante esborço à comunidade, o desentendimento de alguns à entrada para o refeitório...

Qual a razão deste desencontro? Mais do que ninguém a responder senão nós, aqueles que chegam descontentos, da comunidade; é a falta de despertadores nos nossos dormitórios. Por isso, fico esperançado que o desabafo dos nossos problemas seja a presença da nossa voz a tocar-vos o coração».

Manuel Rosas



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Visado pela Comissão de Censura